



RODAS DE ACOLHIMENTO: FILHOS DA LUZ

WELCOMING CIRCLES: CHILDREN OF LIGHT

Lauany Vitória Pereira Silva¹

Herlan Oliveira Matildes²

Ismaelly Victória Marcelino da Silva³

Júlia Ribeiro do Vale⁴

Larissa Machado da Silva⁵

Laura Mariane Ramos do Nascimento e Silva⁶

Jussara dos Santos Rosendo⁷

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo relatar as ações desenvolvidas junto ao terno de congada de crianças e adolescentes denominado Filhos da Luz, realizadas pelo grupo PET (Re)Conectando Saberes, Fazeres e Práticas, em parceria com discentes do curso de Psicologia da FacMais. As atividades foram organizadas e planejadas de forma dialogada com o grupo, considerando as demandas solicitadas; dentre elas, pautaram-se temas como empoderamento negro, letramento racial, representatividade negra e saúde mental. Com estudos e

¹ Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC). E-mail: lauany.silva@ufu.br

² Graduando em Serviço Social na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC). E-mail: servicosocialherlan27@gmxil.com

³ Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC). E-mail: ismaelly.silva@ufu.br

⁴ Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC). E-mail: julia.do@ufu.br

⁵ Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC). E-mail: larissa.machado5@ufu.br

⁶ Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC). E-mail: laura.e@ufu.br

⁷ Tutora do PET (Re) conectando, Doutora em Geografia, Professora do curso de Geografia do Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal (PPGEP), do Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO). E-mail: jussara.rosendo@ufu.br



entendimentos sobre a Lei nº 10.639/2003, foram adotadas rodas de conversa, atividades artísticas, literárias e expressivas, por meio de produções de desenhos, poemas, frases e relatos. Essas ações evidenciam a importância da extensão universitária como elemento de aproximação entre a universidade e a comunidade, proporcionando a valorização da cultura afro-brasileira, o fortalecimento da identidade negra e a criação de espaços de escuta, acolhimento e reflexão crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Congada; Ituiutaba, MG; Letramento racial; Saúde mental; Filhos da Luz.

ABSTRACT

This article aims to report on the actions developed with the children's and adolescents' Congada group Filhos da Luz, carried out by the PET (Re)Connecting Knowledge, Practices and Practices group, in partnership with students from the Psychology course at FacMais. The activities were organized and planned in dialogue with the group, considering the demands requested; among them, themes such as black empowerment, racial literacy, black representation, and mental health were addressed. With studies and understandings of Law No. 10.639/2003, conversation circles, artistic, literary and expressive activities were adopted, through the production of drawings, poems, phrases and reports. These actions highlight the importance of university extension as an element of rapprochement between the university and the community, providing the appreciation of Afro-Brazilian culture, the strengthening of black identity and the creation of spaces for listening, welcoming and critical reflection.

KEYWORDS: Congada; Ituiutaba, MG; Racial literacy; Mental health; Children of Light.



INTRODUÇÃO

A congada constitui uma importante manifestação da cultura afro-brasileira, marcada pela ancestralidade, resistência e preservação da história e identidade negra no Brasil. Carvalho e Ramos afirmam que:

“A Congada é um rito milenar originado na África e introduzido no Brasil com a chegada dos primeiros escravos, tende como finalidade manter suas tradições. Ela homenageia seus antepassados, seus reis, suas divindades e seus anciãos. Aos poucos foram inseridas santidades com o objetivo de que o rito fosse aceito pela Igreja Católica.” (CARVALHO. RAMOS, p. 01, 20).

Em Ituiutaba- MG, os ternos de Congo desempenham um papel fundamental cultura local/regional, que é transmitido por gerações, e assim mantendo as tradições de seus antepassados até os dias atuais. Nesse contexto, o grupo do Congo Filhos da Luz, é formado por crianças e adolescentes negros, que participam do terno de Congada em Ituiutaba. O grupo infanto-juvenil nasceu na escola Municipal Caic, tendo a liderança do capitão Willian Luiz Cândido. Conforme Cândido, o intuito e objetivo da criação do Congo, foi trabalhar a valorização das culturas previstas na Lei Federal nº 11645 de 2008, ao mesmo tempo em que fossem incentivados a contribuir com a própria comunidade, promovendo os princípios e regras centrais do Congo: humildade, sabedoria, integridade e respeito ao próximo.

O racismo estrutural, está presente de maneira histórica na sociedade brasileira, conforme destaca Silvio Almeida (2019, p.15), sendo:

“O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. De tal sorte, todas as outras classificações são apenas modos parciais – e, portanto, incompletos – de conceber o racismo. Em suma, procuramos demonstrar neste livro que as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade.” (ALMEIDA, SILVA, 2019, p. 15)

Essa estrutura racista, naturaliza a violência racial, sendo extremamente relevante, discutir e realizar práticas que promovam a valorização da cultura afro-brasileira. A Lei nº 10.639/2003 e a Lei nº 11.645/2008 reforçam a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, destacando a relevância de ações educativas que ultrapassem os espaços formais de ensino. E é nesse cenário que se insere a atuação do Pet (Re)Conectando, com participação de discentes do curso de



Psicologia da FacMais, para desenvolver ações que buscam articular a valorização da cultura afro-brasileira, educação e saúde mental.

O Projeto Rodas de Acolhimento: Filhos da Luz teve início no ano de 2024, a partir de uma parceria entre o PET (Re)Conectando e o Congo Filhos da Luz, grupo composto majoritariamente por crianças e adolescentes negros em situação de vulnerabilidade social, integrantes de um terço de Congada no município de Ituiutaba-MG. As atividades começaram a ser desenvolvidas com o grupo em fevereiro de 2024, teve continuidade em 2025 e continuará sendo realizado em 2026.

As atividades foram planejadas de forma coletiva, contando com a participação dos integrantes do Congo, do grupo PET (Re) conectando, dos estudantes de Psicologia e por uma Psicóloga responsável (FacMais), através de reuniões com o grupo e expostas as suas demandas. Foram trabalhados, diversos temas como: o pertencimento, arte, empoderamento negro, autoestima e rodas literárias. Tais atividades foram planejadas de forma lúdica, para se adequar à realidade dos jovens, em razão da diferença de idades.

Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo principal apresentar as vivências extensionistas realizadas no âmbito do PET (Re) Conectando com o Congo Filhos da Luz, a fim de demonstrar a relevância da extensão universitária como meio de fortalecimento identitário, promovendo o fortalecimento de vínculos, a saúde mental e o enfrentamento ao racismo estrutural, por intermédio da cultura local.

DESENVOLVIMENTO

1.1 Congada como expressão de resistência e pertencimento

Ao iniciarmos este tópico faz-se necessário conceituar e diferenciar os termos “Congo”, “Congadas” e “Congado”, para subsidiar-nos, utilizaremos o historiador Jeremias Brasileiro. Primeiramente, para Jeremias Brasileiro (2020), a terminologia “Congo” se define:

[...] “como aquela capaz de suscitar, revivificar, de redimensionar no presente, uma memória de antepassados, uma memória cultural proveniente dos povos Bantos oriundos de algumas regiões do antigo Reino do Congo, entre as quais situavam a província de Angola e outros reinos com seus reis e rainhas. Daí porque ao reviverem essa memória cultural, os escravizados instituem no Brasil não a concepção de reinos, mas de várias formas de reinados celebrados por meio de embaixadas, que na literatura serão mais conhecidos por meio de danças dramáticas ou Congadas.” (BRASILEIRO, p. 02, 2020).



Portanto, resumidamente, Jeremias Brasileiro afirma que o termo “Congo” simboliza a memória cultural dos povos bantos e que, no Brasil, essa memória foi preservada e ressignificada por meio das Congadas, que representam formas simbólicas de reinado e resistência cultural dos africanos escravizados. Porém, o que significa as “Congadas”?

Em um dos conceitos muitos usados, Jeremias Brasileiro (2020), se usufrui de um para conceituar que as Congadas:

[...] “é uma conceituação associada às rememorações de reinados africanos por meio de festejos, festas, festividades, incluindo as procissões, coroações, desfiles de apresentações de grupos, guardas, bandas e outras várias denominações; novenas, novenários, missas campais, almoços coletivos e várias outras atividades ligadas ao contexto da festa.” (BRASILEIRO, p. 02, 2020).

Portanto, pode-se entender que as Congadas se constituem como expressões históricas de resistência cultural e religiosa dos povos negros no Brasil. Em contextos de escravização e opressão, essas manifestações permitiram a preservação da memória ancestral africana, a afirmação da identidade negra e a construção de espaços coletivos de pertencimento. Ao ressignificar símbolos, rituais e formas de organização social, as Congadas mantêm viva uma herança que resiste ao silenciamento, reafirmando a cultura afro-brasileira como prática de luta, continuidade e existência.

Em amostra dessa multiplicidade de conceitos salientada por Jeremias Brasileiro (2020), o conceito de “Congada” é visualizada por Costa, Ribeiro e Reis (2020) como:

“uma tradicional festa popular que acontece em diversas regiões do país, sobretudo no Sudeste e no Centro-Oeste brasileiros. Está disseminada em quase todo o território de Minas Gerais e, dependendo da localidade, ocorre em diferentes épocas do ano, de maio a dezembro. Criada por pessoas negras escravizadas no Brasil como uma reedição dos cortejos de reis e rainhas africanos, a Congada modificou seus significados originais diante das necessidades de representação, reatamento de laços identitários e sociais de uma população sequestrada de sua terra natal e lançada ao trabalho compulsório.” (COSTA, RIBEIRO e REIS, p. 3-4, 2020).

Por conseguinte, a expressão “Congado”, pode ser entendida como uma forma contínua de organização sociocultural dos grupos, expressa no cotidiano e vivenciada ao longo de todo o ano, não se restringindo aos períodos em que se realizam as celebrações festivas (Braseleiro, 2020).



Após a apresentação dos conceitos, torna-se fundamental compreender a trajetória do terno de congado “Congo Filhos da Luz”. O grupo surgiu a partir de um projeto voluntário desenvolvido na escola CAIC Aureliano Joaquim da Silva, localizada em um bairro periférico do município de Ituiutaba/MG, idealizado por William Luiz Cândido no ano de 2008. O projeto teve como objetivo o trabalho com a cultura afro-brasileira, em consonância com as diretrizes estabelecidas pelas Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/10, que orientam a valorização da história e da cultura afro-brasileira e indígena no âmbito educacional, contudo, o projeto se estende para além de conhecimento e valorização da cultura, mas também contribuir com o fortalecimento de sua própria comunidade, fazendo prevalecer os princípios fundamentais do congado: humildade, sabedoria, integridade e respeito ao próximo.

Em relatório, Willian, o monitor, comenta como foi a realização do projeto e o início dos “Filhos da Luz”:

“O trabalho iniciou-se com trinta alunos que demonstraram um grande interesse em conhecer a história da congada. Aos poucos fui compartilhando com eles os ritmos, as músicas, os costumes e a verdadeira essência de um congado. Não demorou muito para que alguns alunos se destacassem. À medida que isso acontecia, eu ia distribuindo a eles os cargos. Surgiram os capitães, a madrinha, as dançarinas responsáveis pelas fitas do estandarte. Os instrumentos foram distribuídos de acordo com a habilidade de cada congadeiro. Surgia, assim, o Congo “Filhos da Luz”.” (CÂNDIDO, 2012).

A constituição do grupo enquanto terno de congado, denominado “Congo Filhos da Luz”, ocorreu no ano de 2009, por meio de seu batizado realizado no ginásio da escola CAIC, contando com a presença de diversos ternos de congado, entre eles grupos de Moçambique e Congo. Esse momento marcou oficialmente a inserção da comunidade no universo do congado, reafirmando seus vínculos com a tradição e com a comunidade.

Durante a cerimônia de batizado, foi realizada a coroação do rei e da rainha, elementos simbólicos fundamentais da manifestação. O rei coroado foi João Aparecido da Silva, funcionário do CAIC e pai do aluno João Vitor, enquanto a rainha foi Gílvina Macedo Santos Tomaz, mãe dos alunos Ryan e Rickson, evidenciando o envolvimento direto das famílias e da comunidade escolar na consolidação do terno.

As cores oficiais do Congo Filhos da Luz são o vermelho e o azul, carregadas de significados simbólicos: o azul representa a beleza e a grandiosidade do céu, enquanto o vermelho simboliza o amor e a paixão que orientam a prática do congado. O nome “Filhos da Luz”, sugerido por Maria Leamar Cândido, coordenadora do Congo da



Libertação, expressa a concepção de que toda a vida, e não apenas as crianças, são filhos da luz, reafirmando valores de espiritualidade, esperança e pertencimento que sustentam a identidade do grupo.

O projeto desenvolvido evidencia a construção de pertencimento e identidade entre crianças e adolescentes participantes. Conforme aponta Martins (2025), manifestações culturais como o congado, o jongo e o carnaval revelam não apenas a centralidade da contribuição africana na formação da cultura brasileira, mas também os mecanismos históricos de resistência negra frente às diversas formas de opressão. Nesse sentido, manifestar a fé e expressá-la por meio dessas práticas culturais implica um processo contínuo de resistência e de luta contra o sistema racista que historicamente marginaliza corpos e saberes negros.

Corroborando com essa perspectiva, Ferreira e Silva (2020) afirmam que:

“Os corpos negros são territórios de memória ancestral. Entranhas compostas por resistência. Essa que nos trouxe até aqui. Que persiste. Que persegue caminhos que vislumbram vida em meio aos estigmas que marcam, deixam cicatrizes e até dilaceram. Violências e violação de direitos nos atacam por todos os lados. Mas teimamos em viver.” (FERREIRA e SILVA, p. 3, 2020).

Em suma, a congada tornou-se para essas crianças mais do que uma manifestação festiva: constitui-se como um espaço de memória, pertencimento e resistência cultural. Por meio da Congada, o grupo reafirma suas raízes afro-brasileiras, preserva saberes ancestrais e fortalece os vínculos comunitários, especialmente no território em que está inserido. A prática conga possibilita a transmissão de valores como respeito, coletividade, espiritualidade e compromisso com o outro, ao mesmo tempo em que atua como instrumento de formação cultural e identitária. Assim, a Congada representa, para o terno Congo “Filhos da Luz”, um caminho de afirmação da identidade negra, de continuidade histórica e de construção coletiva da dignidade e da esperança.

1.2 Detalhamento das ações realizadas

Conforme exposto anteriormente, as atividades realizadas com Congo Filhos da Luz contaram com o empenho dos integrantes do grupo PET (Re)Conectando do Pontal, bem como, em algumas ações, com a participação de discentes do curso de Psicologia da Faculdade FacMais, do município de Ituiutaba, MG. As ações foram pautadas tanto na dimensão cultural da Congada em Ituiutaba, MG quanto nas



questões relacionadas à saúde mental das crianças e adolescentes integrantes do terno de Congada.

As atividades tiveram início após visitas ao quartel do grupo, momento em que foram realizadas conversas com seus integrantes. A partir dessas escutas, foi construído, de forma dialogada e demandada, um roteiro de atividades que contemplasse as necessidades apresentadas pelos próprios congadeiros. Entre essas ações, destacaram-se atividades voltadas ao letramento racial, compreendido como: Segundo Ferreira (2015), o letramento racial constitui um conjunto de práticas pedagógicas voltadas à compreensão do racismo enquanto estrutura social, possibilitando aos sujeitos identificar, problematizar e enfrentar práticas racistas no cotidiano. Segundo Ferreira (2015), o letramento racial constitui um conjunto de práticas pedagógicas voltadas à compreensão do racismo enquanto estrutura social, possibilitando aos sujeitos identificar, problematizar e enfrentar práticas racistas no cotidiano.

Nesse sentido, e dentro das possibilidades de atuação do projeto, buscou-se também abordar temáticas relacionadas à promoção da saúde mental das crianças e adolescentes participantes.

Os assuntos trabalhados perpassaram questões de gênero, de forma adaptada às faixas etárias do grupo, bem como debates sobre sexualidade, empoderamento negro, racismo estrutural, arte negra e literatura infantil. Essas abordagens possibilitaram tratar temas como pertencimento racial, valorização da identidade negra, importância da cultura e da história afro-brasileira, articulando-se, de maneira adaptada, ao que é proposto pela Lei nº 10.639/2003, que:

“Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.” Brasil, 2003

Buscou-se, de forma contínua, dialogar com autores, artistas e intelectuais negros e negras, entendendo que o objetivo central do trabalho desenvolvido pelo PET (Re)Conectando consistia justamente em possibilitar que os congadeiros acessassem e reconhecessem referências negras — ou seja, não brancas — como forma de construção de representatividade. Para além disso, almejou-se fomentar a constituição de



subjetividades pautadas na própria autenticidade, no pertencimento racial e no reconhecimento de si, criando, assim, meios de enfrentamento ao racismo estrutural e ampliando o repertório simbólico e crítico dos participantes para suas trajetórias pessoais e, se assim desejarem, para uma futura inserção na luta antirracista.

No que se refere à metodologia adotada, foi elaborado um calendário sistemático de atividades. As ações foram desenvolvidas, majoritariamente, por meio de rodas de conversa, utilizadas tanto para a discussão dos temas propostos quanto para a avaliação das atividades realizadas. As devolutivas dos congadeiros ocorreram por meio de sínteses construídas pelos próprios participantes, expressas em diferentes linguagens, tais como poemas, frases, relatos em forma de desabafos, desenhos e interações coletivas, bem como no diálogo estabelecido entre o grupo, o PET (Re)Conectando e os discentes do curso de Psicologia envolvidos nas ações. Ressalta-se que tais atividades vêm sendo desenvolvidas desde o ano de 2024, com continuidade em 2025, e que, de forma coletiva, o planejamento das ações previstas para o ano de 2026 será construído conjuntamente com os congadeiros. Nesse sentido, as atividades realizadas até o momento foram as seguintes:

Dinâmica de Integração – Quebra-gelo com Balões

Essa atividade constituiu a ação inicial proposta pelo grupo PET (Re)Conectando, com o objetivo de promover a integração entre os congadeiros do grupo Filhos da Luz, os petianos e os discentes do curso de Psicologia da Faculdade Facmais de Ituiutaba. A dinâmica favoreceu a aproximação entre os participantes, a criação de um ambiente acolhedor e o fortalecimento dos vínculos iniciais do grupo.

Dinâmica – Trabalhando as Emoções

Essa atividade foi proposta com o intuito de possibilitar aos congadeiros a identificação e expressão de suas emoções. Para isso, os participantes confeccionaram máscaras que representavam diferentes emoções e, posteriormente, escolheram aquela que melhor simbolizava o que estavam sentindo no momento da atividade. Após essa etapa, foi realizada uma roda de conversa, na qual foram abordadas as emoções identificadas, bem como orientações e estratégias para lidar com essas e outras emoções que poderiam vivenciar em diferentes contextos de suas vidas.



Ação – Trabalhando a Autoestima

A atividade teve como objetivo trabalhar a autoestima dos participantes, especialmente no que se refere à forma de receber e direcionar elogios. O diálogo não se restringiu à aparência física, mas também contemplou comportamentos, falas e condutas. Buscou-se refletir sobre a importância de reconhecer qualidades em si e nos outros, bem como sobre os impactos positivos da valorização mútua nas relações interpessoais.

Ação – Dinâmica do Espelho e Caixa Surpresa

A dinâmica do espelho teve como finalidade estimular a reflexão acerca das expectativas e desafios pessoais, promovendo a autoconfiança, o fortalecimento emocional e o fortalecimento dos vínculos entre os membros do grupo. No mesmo dia, foi realizada a dinâmica da caixa surpresa, cujo objetivo principal foi a criação de um ambiente acolhedor, utilizando-se da atividade como ferramenta para reforçar a importância da comunicação, da escuta e dos vínculos coletivos entre as crianças e adolescentes participantes.

Ação – Efeito Manada

A atividade abordou o chamado “efeito manada” na adolescência, compreendido como o comportamento de seguir o grupo, muitas vezes sem questionamento ou reflexão crítica. Nessa fase da vida, os adolescentes tendem a buscar aceitação e pertencimento, o que pode levá-los a reproduzir comportamentos e opiniões do grupo, inclusive aqueles que contrariam seus próprios valores. Discutiram-se os impactos desse fenômeno em escolhas negativas, como comportamentos de risco, uso de drogas e práticas de bullying. Nesse contexto, foi enfatizada a importância do desenvolvimento da autonomia e do discernimento. Conforme Bauman (2008), o comportamento coletivo na sociedade de consumo incentiva a repetição de padrões e escolhas, levando os indivíduos a seguirem tendências predominantes como forma de evitar a exclusão social, o que reforça o efeito manada.

Ação – Mural da Identidade

Essa atividade teve como objetivo promover a conexão, a interação e o reconhecimento da identidade individual e coletiva dos participantes do grupo Filhos



da Luz. A construção do mural envolveu elementos como música, sonhos, identidades e potencialidades, sendo realizada de forma coletiva pelas crianças, adolescentes e petianos presentes, favorecendo o fortalecimento do pertencimento e da expressão subjetiva.

Ação – Roda Literária

A roda literária teve como objetivo trabalhar a questão étnico-racial com crianças e adolescentes, bem como estimular reflexões sobre o enfrentamento dos medos, por meio da leitura da obra: *“E foi assim que eu e a escuridão viramos amigas”* e *“O pequeno príncipe preto”*. Que respectivamente abordam, de forma sensível e acessível ao público infantil, a relação com o medo, a solidão e as emoções difíceis, contribuindo para o fortalecimento emocional e para a construção de estratégias de enfrentamento no cotidiano das crianças (CUNHA; ARAÚJO, 2021) e, Em *“O pequeno príncipe preto”*, a narrativa ressignifica o clássico literário a partir de uma perspectiva afrocentrada, valorizando a identidade negra, a ancestralidade, o afeto e o pertencimento racial, contribuindo para a formação positiva da autoestima de crianças negras. França (2018) propõe, por meio da obra *“O pequeno príncipe preto”*, uma narrativa que valoriza a identidade negra, o pertencimento racial e a construção de uma autoestima positiva, especialmente para crianças negras, ao apresentar um protagonista que rompe com padrões eurocêtricos de representação. Ao final da leitura, os participantes expressaram suas percepções por meio de palavras, poemas, desenhos, frases ou letras, registros que subsidiaram a construção coletiva de um livro com as produções do grupo.

Ação – Apresentação da UFU, diálogos sobre o ingresso à universidade e mini documentário sobre Ubuntu

Essa atividade teve como objetivo apresentar a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e seus cursos aos congadeiros, promovendo o sentimento de pertencimento ao espaço universitário e esclarecendo sobre os métodos de ingresso, com destaque para a divulgação do Projeto AFIN Pontal, cursinho pré-vestibular voltado para o ENEM. Além disso, foi exibido um mini documentário do canal Filtr Kids Brasil (2022), utilizado como ferramenta pedagógica para dialogar com as crianças e adolescentes sobre a filosofia Ubuntu, que significa “eu sou porque nós somos”, reforçando valores como coletividade, apoio mútuo e senso de comunidade.



1.3 Saúde mental, bem-estar e autoestima

O projeto foi desenvolvido com foco no bem-estar emocional, na autoestima e na valorização da identidade cultural de crianças e adolescentes, criando espaços de escuta, acolhimento e participação ativa. As atividades foram planejadas considerando as experiências, necessidades e interesses dos próprios participantes, permitindo que a saúde mental fosse abordada de forma integrada à convivência, às relações sociais e às vivências do cotidiano, sem se restringir a um caráter clínico. Essa perspectiva segue Amarante (2007), para quem o cuidado em saúde mental deve ultrapassar a lógica estritamente terapêutica, incluindo dimensões sociais, culturais e subjetivas da vida dos indivíduos.

Em razão do grupo ser formado majoritariamente por crianças e adolescentes pretos e pardos, com idades entre 5 e 17 anos, que, apesar de estarem inseridos em contextos de manifestações culturais afro-brasileiras, apresentaram pouco conhecimento sobre a história de resistência e luta do seu povo. Nesse sentido, as atividades voltadas à memória histórica e à identidade cultural foram fundamentais para fortalecer a consciência crítica e a autoestima dos participantes, evidenciando como processos históricos e sociais influenciam suas experiências presentes. Compreender a própria história ajuda a reconhecer desigualdades, relações de poder e formas de resistência historicamente silenciadas, evitando o apagamento cultural e fortalecendo o pertencimento coletivo.

As ações do projeto foram estruturadas de maneira gradual, sensível e acolhedora, priorizando a criação de um ambiente seguro, livre de julgamentos e aberto à expressão de emoções, inseguranças e experiências de vida. Essa abordagem possibilitou que os jovens compartilhassem suas dificuldades, expectativas e vivências cotidianas, promovendo vínculos afetivos, solidariedade e confiança. O bem-estar foi compreendido de forma ampla, relacionado à construção de vínculos, à valorização pessoal e ao reconhecimento social, alinhando-se à concepção ampliada de saúde de Minayo (2014).

A autoestima dos participantes foi trabalhada a partir da valorização da história, identidade e cultura negras, reconhecendo que os efeitos do racismo estrutural impactam a forma como crianças e adolescentes se percebem e são percebidos socialmente. Conforme Souza (1983), o racismo produz feridas psíquicas profundas,



afetando a autoestima e o sentimento de pertencimento, o que evidencia a necessidade de estratégias coletivas de fortalecimento identitário. Ao compreender que as dificuldades de auto aceitação não são falhas individuais, mas resultados de estruturas sociais injustas, os jovens puderam desenvolver uma percepção mais positiva de si mesmos e do seu lugar no mundo. Nesse sentido a autora afirma:

“Para que o sujeito construa enunciados sobre sua identidade, de modo a criar uma estrutura psíquica harmoniosa, é necessário que o corpo seja predominantemente vivido e pensado como local e fonte de vida e prazer. As inevitáveis situações de sofrimento que o corpo impõe ao sujeito têm que ser “esquecidas”, imputadas ao acaso ou a agentes externos ao corpo. Só assim, o sujeito pode continuar a amar e cuidar daquilo que é, por excelência, condição de sua sobrevivência.” (SOUZA, 1983, p.6).

O projeto também estimulou reflexões críticas e o reconhecimento das potencialidades individuais e coletivas por meio de rodas de conversa, dinâmicas coletivas, produções artísticas e abordagens pedagógicas baseadas na educação antirracista. Ao valorizar a diversidade de experiências e histórias, as atividades possibilitaram que os participantes se reconhecessem como sujeitos históricos e culturais, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade social e do protagonismo juvenil.

A ampliação de narrativas, inspirada por Chimamanda Ngozi Adichie (2009), permitiu desconstruir estereótipos e romper com a lógica da “história única”, proporcionando múltiplas referências positivas para que os jovens pudessem se reconhecer de maneira plural e afirmativa. Além disso, as reflexões de Grada Kilomba (2019) possibilitaram compreender como o legado da escravidão permanece nas relações sociais contemporâneas, afetando subjetividades e reforçando processos de desvalorização. O acolhimento e o cuidado, orientados pelos princípios de Bell Hooks (2017), reforçaram a importância do afeto e do reconhecimento simbólico como elementos centrais para a construção de espaços seguros e fortalecedores, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

As ações voltadas ao empoderamento negro foram planejadas para promover a valorização da negritude e da cultura afro-brasileira, compreendendo que esse reconhecimento positivo impacta diretamente o bem-estar psicossocial. Sueli Carneiro (2003) destaca que o racismo deixa marcas profundas na subjetividade, afetando autoestima, sentimento de pertencimento e possibilidades de afirmação, o que torna



fundamental a criação de estratégias de resistência e afirmação identitária. Além do desenvolvimento individual, as atividades favoreceram a construção de vínculos coletivos, promovendo conexões entre participantes, mediadores e demais envolvidos. Esses laços funcionam como redes de apoio afetivo e social, ampliando a confiança, a segurança e o engajamento nas atividades.

Dessa forma, a realização do projeto constituiu um processo contínuo de promoção do bem-estar, da valorização da identidade negra e do fortalecimento da convivência grupal. Ao articular saúde mental, identidade racial, valorização cultural, acolhimento e afeto, o projeto impactou significativamente o desenvolvimento emocional, a autoestima e a formação crítica de crianças e adolescentes, reafirmando a relevância de práticas educativas e extensionistas comprometidas com a equidade racial, a justiça social e o cuidado coletivo. A experiência evidencia que espaços de aprendizagem e convivência pautados pelo reconhecimento, pelo respeito e pela valorização da diversidade são essenciais para a promoção do bem-estar integral e para o fortalecimento da identidade de crianças e adolescentes negros.

Atividades mural da identidade.

Figuras 1 e 2: Confecção do mural da identidade.



Fonte: Acervo Pet (Re) Conectando.

Figura 3: Integração dos grupos, Figura 4: Integração dos grupos.

Figura 5: Rodas de acolhimento, Figura 6: Rodas de Acolhimento.



Fonte: Acervo Pet (Re) Conectando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências desenvolvidas pelo projeto PET (Re) Conectando junto ao grupo Filhos da Luz evidenciaram a relevância de ações extensionistas comprometidas com a promoção do bem-estar emocional, do fortalecimento de vínculos e do empoderamento negro de crianças e adolescentes em contextos de vulnerabilidade social. Ao longo das atividades, foi possível observar transformações significativas no modo como os jovens se expressavam, se relacionavam entre si e reconheciam suas próprias identidades, indicando impactos positivos tanto no plano individual quanto coletivo.

O projeto demonstrou que o bem-estar não pode ser compreendido de maneira restrita ou exclusivamente individual, mas como um processo socialmente construído, atravessado por dimensões emocionais, culturais e raciais. A criação de espaços seguros, acolhedores e livres de julgamentos mostrou-se fundamental para que os jovens pudessem compartilhar sentimentos, vivências e inquietações, fortalecendo a autoestima, a confiança e o sentimento de pertencimento. Esses aspectos confirmam a importância de práticas que reconheçam os sujeitos em sua integralidade e singularidade.



Nesse sentido, a valorização da identidade negra e da cultura afro-brasileira constituiu um eixo central das ações, revelando-se como estratégia potente de enfrentamento aos efeitos do racismo na subjetividade dos jovens. Ao promover narrativas afirmativas sobre a negritude, o projeto contribuiu para a ressignificação de experiências marcadas pela exclusão e pela desvalorização social, possibilitando a construção de uma autoimagem mais positiva e fortalecida.

O empoderamento negro, compreendido como processo coletivo e contínuo, mostrou-se diretamente associado ao bem-estar emocional e ao desenvolvimento subjetivo dos participantes. Além disso, a consolidação de vínculos entre crianças, adolescentes, petianos e demais envolvidos fortaleceu redes de apoio afetivo e social, ampliando o sentimento de segurança e confiança no espaço coletivo. A continuidade das ações e o compromisso ético dos mediadores foram elementos essenciais para que o projeto se configurasse como um espaço legítimo de cuidado, escuta e reconhecimento das identidades, e não apenas como uma intervenção pontual.

As ações do projeto pautaram-se em rodas de conversa, confecção de murais, produção de textos e redações, bem como em rodas de acolhimento realizadas com o apoio de psicólogas parceiras. Conforme destaca Conceição Evaristo (2022), “esse modo de escrever reconstrói a memória, resgata a ancestralidade e dá voz aos silenciados, transformando o ato literário em ato de resistência”. Dessa forma, o projeto buscou criar espaços de escuta, acolhimento, produção de memórias e experiências significativas, contribuindo para o fortalecimento identitário, emocional e coletivo dos participantes, tendo sido certificado com o Selo ODS Educação da UFU no ano 2025.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf. Acesso em: 3 dez. 2025.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7021656/mod_resource/content/1/racismo_e_strutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf. Acesso em: 05 dez. 2025.

AMARANTE, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007. Acesso em: 4 dez. 2025.



BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Acesso em: 12 dez. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. 10 jan. 2003. Acesso em: 8 dez. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 48, p. 1, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 3 dez. 2025.

BRASILEIRO, Jeremias. **Congado em Uberlândia: espaço de resistência e identidade cultural** 1996–2006. Uberlândia, 2006. Acessado em: 08/12/2025. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19180/1/CongadoUberlandiaEspaco.pdf?utm>. Acesso em: 7 dez. 2025.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Pallas, 2003. Acesso em: 11 dez. 2025.

CARVALHO, JAKELINE; RAMOS, WUIRAGANA. **Uma abordagem sócio-antropológica para o turismo: um estudo sobre a congada**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, s.d. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt6-uma-abordagem.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2025.

CONGO Filhos da Luz. **Congo Filhos da Luz**. Ituiutaba, 2012. Disponível em: <https://caicituiutaba.blogspot.com/2012/04/congo-filhos-da-luz.html>. Acesso em: 16 dez. 2025.

COSTA, Aline Guerra da; RIBEIRO, Cláudia Maria; REIS, Fábio Pinto Gonçalves dos. **Dimensões lúdico-sagradas e resistências das congadas em Lambari (MG)**. Revista Extraprensa, São Paulo, Brasil, v. 14, n. 1, p. 8–26, 2020. DOI: 10.11606/extraprensa2020.173824. Disponível em: <https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/173824..> Acesso em: 16 dez. 2025.

CUNHA, Ana Claudia; ARAÚJO, Dyego. **E foi assim que eu e a escuridão viramos amigas**. São Paulo: Brinque-Book, 2021. Acesso em: 16 dez. 2025.

EVARISTO, Conceição. **A escrivência carrega a escrita da coletividade**. In: IEA/USP – Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, 2022. EVARISTO, Conceição. Entrevista (“Escrivência e Criação de Mundos Possíveis”). In: Evento no Itaú Cultural, 13 dez. 2023. Disponível em: <https://www.iea.usp.br/noticias/a-escrivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>. Acesso em: 8 dez. 2025.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Educação antirracista e letramento racial**. São Paulo: Pallas, 2015. Acesso em: 10 dez. 2025.

FILTR KIDS BRASIL. *Lenda Ubuntu – Era Uma Vez Um Podcast no Filtr Kids*. YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vugUQNwYIn8>. Acesso em: 05 dez. 2025.



FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto**. São Paulo: Nova Alexandria, 2018. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/712283913/O-pequeno-principe-preto>. Acesso em: 13 dez. 2025.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o_2020.1/hooks_-_Ensinando_a_transgredir.pdf. Acesso em: 14 dez. 2025.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. Acesso em: 15 dez. 2025.

MARTINS, Mireile Silva. **Lélia Gonzales e as Festas Populares como interpretação da formação social brasileira**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2025. Anais eletrônicos. Campinas: ANPOCS, 2025. Disponível em: <https://www.encontro2025.anpocs.org.br/arquivo/downloadpublic?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJIRF9BQlVSZlZPXCJ6XCI1NTM2XCJ9IiwiaCI6ImIxNTE2NTQzZDIxNWQoMGY4OTFiY2RjOWZjNTk3MmVjIn0%3D> Acesso em: 16 dez. 2025

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. Acesso em: 10 dez. 2025.

ROGERS, Carl R. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 1977. Disponível em: <https://psicologadumond.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/08/tornar-se-pessoa-carl-rogers.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2025.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. Acesso em: 10 dez. 2025.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE ALAGOAS (TJAL). **Bibliografia de Letramento Racial**. Maceió: Escola Superior da Magistratura/Tribunal de Justiça do Estado de Alagoas, [s.d.]. Disponível em: https://esmal.tjal.jus.br/_pdf/bibliografia-letramento-racial.pdf. Acesso em: 15 dez. 2025.

Universidade Federal de Uberlândia. *Anais III Encontro Técnico-Científico Integrado dos Grupos PET*. Ituiutaba, MG: Ed. dos Autores, 2025. *Anais do III Encontro Técnico-Científico Integrado dos Grupos PET*, 24-25 jun. 2025. Disponível em: <https://zenodo.org/records/17290664>. Acesso em: 15 dez. 2025. DOI: **10.5281/zenodo.17290664**.

